

Diálogos sobre a pesquisa qualitativa com Antonio Chizzotti

Dialogues on qualitative research with Antonio Chizzotti

Mikaelle Barboza Cardoso

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Fortaleza-Brasil

Isabel Maria Sabino de Farias

Marcilia Chagas Barreto

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Fortaleza-Brasil

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar a resenha do livro “Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais”, de autoria de Antonio Chizzotti, publicado já na sua 6ª edição e 4ª reimpressão em 2018 pela editora Vozes. Atualmente o autor do livro é professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo surgido a ideia de escrever a obra a partir da sua experiência com alunos em fase de desenvolvimento de suas dissertações e teses. Além disso, é fruto do diálogo, sugestões e críticas estabelecidas com seus alunos e outros professores, sendo, portanto, uma elaboração coletiva. O autor enfatiza não se tratar de um manual, e aborda questões relevantes tais como: fundamentos filosóficos, paradigmas, estratégias e evolução da pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Ciências Humanas e Sociais; Chizzotti; Fundamentos de Pesquisa.

Abstract

The goal of this work is to present a review of the book “Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais” freely translated as “Qualitative research in human and social sciences”, by Antonio Chizzotti, already in its 6th edition and 4th 2018 reprinted by Vozes publishing house. Currently, the book's author is an associate professor at the Pontifical Catholic University of São Paulo. The idea of writing that work came up from his own experience with students developing their master's dissertations and doctoral theses. Furthermore, it is the result of dialogues, suggestions, and critics from students and other teachers, therefore, being a collective elaboration. The author also emphasizes that the book is not a handbook, but addresses relevant issues such as philosophical foundations, paradigms, strategies, and the evolution of qualitative research.

Keywords: Qualitative Research; Human and Social Sciences; Chizzotti; Research Fundamentals.

Este texto objetiva a elaboração de resenha da obra *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*, de autoria de Antonio Chizzotti. O livro está em sua 6ª edição, 4ª reimpressão, publicado pela Editora Vozes, em 2018.

A obra traz considerações acerca de pesquisa, voltando-se prioritariamente para aquela de natureza qualitativa em Ciências Humanas. Apresenta a evolução histórica da pesquisa qualitativa e seus fundamentos filosóficos, sem esquecer de explicitar e caracterizar diferentes estratégias de investigação. O objetivo do livro é reunir informações acerca da temática para aqueles alunos e alunas que iniciam seus trabalhos na área, além de ser um auxílio sobre a discussão de alguns problemas inerentes à pesquisa que podem apoiar esses estudantes na tomada de decisões fundamentais para o desenvolvimento de suas dissertações e teses.

O texto, em suas 144 páginas, é dividido em duas partes. Na primeira, discute a pesquisa qualitativa, e na segunda aprofunda a discussão acerca de etnografia, pesquisas ativas (pesquisa ação, pesquisa intervenção, pesquisa participativa), história de vida, análise de conteúdo, análise de narrativa, análise do discurso, estudo de caso. Com linguagem objetiva e ao mesmo tempo densa, o autor trabalha com uma variedade de referências nacionais e internacionais que podem ser utilizadas como guia para aprofundamentos das temáticas abordadas. Nessa mesma perspectiva, disponibiliza sítios de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, de bibliotecas universitárias brasileiras e estrangeiras. Essas informações são fundamentais para o apoio ao pesquisador iniciante.

O tópico I (parte I) destina-se a situar o leitor sobre a importância de compreender a pesquisa como um esforço sistemático de explicar ou compreender determinado fenômeno, a partir de critérios explícitos e estruturados, com teoria e método adequados. É então apresentada como processo que reflete concepções e conhecimentos da parte do pesquisador; exige conhecimentos acerca de procedimentos, técnicas e instrumentos para coleta de dados, a partir dos quais o pesquisador deve tecer observações, reflexões, análises, sínteses, acerca da realidade social em foco, o que auxilia a desenvolver os conhecimentos sobre área ou problemática específica.

Em relação às opções teóricas às quais o pesquisador pode se afiliar, o autor apresenta os termos paradigma, tradição, modelo de pesquisa, programas e postura de pesquisa como correlatos. Embora apresente nuances entre os conceitos, ocupa-se fundamentalmente da complexidade e definição do termo paradigma, salientando-o como

uma conquista científica reconhecida universalmente. Toma como ponto de partida as considerações de Kuhn (1996), para finalmente caracterizá-lo como um conjunto de exemplos reconhecidos de trabalho científico que fornecem modelos e dão nascimento a tradições particulares e coerentes de pesquisa científica. Para tanto, exige que o campo de conhecimento que recobre esteja bem definido, e os praticantes da pesquisa estejam convictos do modelo, em relação a teorias explicativas competidoras.

Considerando que qualquer que seja a investigação ela tem uma orientação filosófica, quer implícita ou explícita, Chizzotti (2018, p.25) discute o conceito de ontologia, como a concepção de mundo do investigador, como ele compreende “o ser das coisas”. Toma as contribuições de Hubermans para exhibir as discordâncias em torno da questão fundamental que orienta a pesquisa.

Nesse sentido, a epistemologia é considerada por Chizzoti (2018) como a articulação entre princípios, fundamentos lógicos e epistemológicos que dão sustentação à análise da realidade em foco. Finalmente, traz o terceiro elemento - a metodologia - concebida como o caminho para esclarecer o problema e sistematizar uma afirmação sobre ele. Esse caminho aponta estratégias, técnicas e métodos a serem adotados.

O texto no tópico 2 (Parte I) busca compreender os fundamentos filosóficos da pesquisa qualitativa. Autores como Francis Bacon (1561-1626), na Inglaterra, e René Descartes (1596-1650), na França são discutidos como exemplos de movimentos críticos da filosofia. O primeiro defende uma ciência da invenção que através das suas descobertas podem ser aplicadas na sociedade. O segundo com o Discurso do método (1637) coloca em dúvida todos os conhecimentos. Outros autores também são citados como Galileu (1564-1642) e Newton (1642-1727) que contribuíram para superar as concepções da física e da cosmologia aristotélicas vigentes até então.

Assim, o autor salienta duas orientações filosóficas: o empirismo e o idealismo. Para o empirismo o conhecimento é acessado pelo sujeito quando este entra em contato com o objeto, experiência externa – processo indutivo. Já para o idealismo o processo de conhecimento vai além do objeto externo, necessita da mente para que aconteça, experiência interna.

A distinção entre as ciências é localizada pelo autor na segunda metade do século XIX, quando as discussões acerca das Ciências Humanas se tornam recorrentes. Chizzotti evidencia cinco marcos na evolução da pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais.

O primeiro marco (final do século XIX) está associado ao romantismo e ao idealismo. “É quando a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia social, a economia e as ciências humanas, em geral, não se limitam a reproduzir as exigências metodológicas das ciências da natureza” (CHIZZOTTI, 2018, p. 49). Estudos começaram a descrever as precárias condições de vida, dos trabalhadores, da sociedade em suas diversas culturas, fundamentados nas ideias de autores como Le Play, Engels, Booth, Mayhew. Outros estudos se inspiraram no evolucionismo de Darwin e Spencer; e a proposição positivista de Comte inspiraram debates e adoção de seu método comparativo.

No segundo marco (primeira metade do século XX) a Antropologia surge como uma disciplina diferente da História, “e procura estabelecer meios de estudar como vivem grupos humanos, partilhando de suas vidas, no local onde vivem e como dão sentido às suas práticas e mantêm a coesão ao seu grupo” (CHIZZOTTI, 2018, p. 50). Novas perspectivas analíticas surgem para os estudos dos fatos humanos e sociais, a partir dos debates do historicismo alemão, fundamentado nas ciências do espírito, e a evolução de uma metodologia das Ciências Histórico-Sociais. Dessa forma, a educação é consolidada como novo campo de investigação científica, assim como a história, a antropologia e a sociologia.

A etnografia ganha destaque com os trabalhos de Malinowski que aborda questões, tais como: a descrição científica das observações; o olhar sobre a vida do outro; relatos nos critérios científicos; confiabilidade e objetividade que constituem importantes aspectos para profissionalizar a pesquisa. A Escola de Chicago com as narrativas orais de história de vida também entra em cena criando um método interpretativo realista. De acordo com Chizzotti (2018), é por meio de autores paradigmáticos ou as pesquisas exemplares que se pode fundamentar por meio da validade científica as pesquisas qualitativas, diante do domínio das pesquisas experimentais.

Já o terceiro marco (entre o pós-II Guerra até os anos de 1970) é considerada a fase áurea da pesquisa qualitativa. Novas concepções e práticas derivadas da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo e das teorias críticas neomarxistas, entre outros, surgem no debate. Dessa forma, novos problemas emergem, “sobre culturas diferentes, grupos e subgrupos, introduzem novos aportes teóricos e metodológicos sobre a significação, na

pesquisa, do sujeito nas suas interações com o outro e com a sociedade” (CHIZZOTTI, 2018, p. 53). Nesse marco, as discussões acerca do qualitativo versus quantitativo se perpetua. A neutralidade científica começa a ser questionada pelos pesquisadores qualitativos. Há nesse período expansão das pesquisas científicas, com investimentos públicos vinculados a países desenvolvidos, ao tempo em que institutos e centros de pesquisas são criados.

No quarto marco (1970 – 1980), os investimentos públicos e privados são expandidos. Novos temas emergem (classe, gênero, etnia, raça, culturas) surgindo novas questões teóricas e aspectos metodológicos para as pesquisas qualitativas. “Uma confluência de tendências, disciplinas científicas, processos analíticos, métodos e estratégias aportam à pesquisa qualitativa criando um campo amplo de debates sobre o estatuto da pesquisa” (CHIZZOTTI, 2018, p. 54). O estruturalismo, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo tecem críticas à autoridade das certezas. As pesquisas se desvinculam do positivismo e ocorre uma fusão transdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais.

Por fim, o quinto marco (década de 1990 em diante) tem como fundo histórico o desaparecimento do comunismo soviético e a ascensão do capitalismo e programas políticos neoliberais. Nesse período também se acirra o debate acerca das teorias críticas. A realidade social, torna-se marcante para o pesquisador. Padrões textuais são quebrados. Há difusão de inúmeras questões teóricas – metodológicas na área.

Dessa forma, os marcos da evolução da pesquisa qualitativa nos permitem inferir a importância da contribuição de inúmeros pesquisadores, estudiosos e referências na área que, com seus estudos, conseguiram fazer evoluir a forma de pensar e de fazer pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais.

Na parte II do livro, Chizzotti (2018, p. 65) apresenta e caracteriza estratégias de pesquisa qualitativa. Inicia pela etnografia, definindo-a como “um modo de descrição social científica de uma pessoa ou da configuração cultural de uma população”. Requer a interação direta com o cotidiano das pessoas visando à compreensão de suas concepções, práticas, motivações, comportamentos, etc. Entre os instrumentos de coleta utilizados estão: anotações de campo, entrevistas, história de vida, autobiografias, além de recursos como gravadores, filmadoras, *laptops* e *computadores*.

As pesquisas ativas englobam, segundo o autor, dois títulos: i) pesquisa-ação e pesquisa-intervenção; e ii) pesquisa participativa. O objetivo comum desse tipo de pesquisa

é promover mudança desejada pelos sujeitos envolvidos, ou seja, encontrar maneiras e formas de superar problemas de uma dada realidade investigada.

O autor registra a resistência, no Brasil, ao termo intervenção, preferindo tratar de pesquisa-ação, a qual surge como alternativa ao modelo convencional de pesquisa e tem como cerne as ideias de Kurt Lewin. Chizzotti (2018, p. 86) salienta que existem vários autores com propostas e modelos de pesquisa-ação (LIU, 1997; CARR E KEMMINS, 1983; KEMMINS E MCTAGGART, 1988; ELLIOT, 1973; BARBIER, 2002). Embora cada um tenha suas especificidades, há convergência no que diz respeito a algumas fases que compõem a pesquisa: fase da definição do problema; formulação do problema; implementação da ação; execução da ação, avaliação da ação e continuidade da ação.

Chizzotti considera que a pesquisa participativa, embora possua raízes na pesquisa-ação lewiniana, desprende-se das amarras manipulativas que esta pode ter. Ela se aproxima dos aspectos participativos, no qual os agentes envolvidos buscam desenvolver e trabalhar formas de mudanças sociais. “A pesquisa participativa assume que as pessoas, membros de comunidades, detêm conhecimentos e, potencialmente, são capazes de identificar seus problemas” (CHIZZOTTI, 2018, p. 94).

A História de Vida, de acordo com Chizzotti (2018), pode ser considerada um relato, por meio de diversos recursos, no qual os indivíduos se debruçam de forma retrospectiva sobre as experiências pessoais. O que dá significado à História de Vida são os objetivos, bem como as escolhas teóricas e metodológicas do pesquisador.

Outros gêneros para análise de registros de histórias de vidas são apresentados: Biografias, Autobiografias, Testemunho, Etnobiografia, História Oral. Entre as considerações metodológicas para esta estratégia de pesquisa está: refinamento do objeto e do objetivo da pesquisa; compreender a concepção historiográfica; definir a escolha do relato; coletar os materiais bibliográficos disponíveis; o pesquisador por meio da coleta de dados deve analisar os aspectos micro e macro do relato como forma de compreender as experiências relatadas e a realidade circundante.

Outras estratégias de pesquisa mencionadas pelo autor se referem à análise de conteúdo, análise de narrativa e análise de discurso que são modalidades de interpretação de textos. Estas análises não se desvinculam dos pressupostos filosóficos, epistemológicos e metodológicos que cada pesquisador escolhe. Chizzotti (2018) salienta o estruturalismo, Foucault, a Semiótica, a Análise crítica, entre outros como os principais referenciais para dar

sentido e significado às análises dos textos. Entre as fases de pesquisa para estas estratégias estão: determinação do texto e especificação do tipo de documento; definição dos objetivos e hipóteses; análise descritiva em que se decompõe a comunicação e categorias; análise de dados; e conclusão.

O Estudo de caso é uma estratégia bastante utilizada e recorrente nas pesquisas qualitativas. Autores como Merriam, Yin, Campbell, Stake são citados por Chizzotti (2018) como referenciais para essa metodologia de pesquisa. Vale ressaltar que o Estudo de caso deve se debruçar sobre um objeto delimitado e relevante, estar voltado para aspectos da contemporaneidade, contextualizado em tempo e lugar, para fazer emergir informações sobre uma realidade específica. Assim, o autor resalta as contribuições de Stake (1994; 1995) que classifica os estudos de caso, de acordo com os objetivos da pesquisa, como: estudo de caso intrínseco; estudo de caso instrumental; estudo de caso coletivo. Salienta que o plano da pesquisa de estudo de caso é composto pelas fases: preparatória ou piloto; trabalho de campo (coleta sistemática de informações); organização dos registros; redação do relatório.

Por fim, pode-se concluir que a obra aqui resenhada teceu considerações acerca de elementos de distintas modalidades de pesquisa que podem contribuir para a formação do pesquisador, principalmente daquele que se inicia nesse *metiê*. Chizzotti, embora saliente que o texto é antes de tudo um ambiente de diálogo e discussão, abre espaço para que os pesquisadores e iniciantes em pesquisa continuem seus estudos para compreender melhor cada tópico abordado.

Considera-se relevante que as orientações iniciadas neste livro sejam expandidas e analisadas por cada leitor, realizando o levantamento da bibliografia recomendada para uma melhor compreensão do seu objeto de estudo, bem como para a escolha dos modelos instrumentais adequados à sua estratégia de pesquisa. Além disso, destacam-se as contribuições para que as pesquisas qualitativas com seus múltiplos referenciais e paradigmas, continuem no caminho do rigor científico nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, seguindo suas concepções, em busca da promoção dos necessários conhecimentos da área.

Destaca-se também que Antonio Chizzotti é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980) e tem pós-doutorado no *Institut National de*

Recherche Pédagogique de Paris (1991). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia da educação, políticas públicas de educação e currículo, e pesquisas em Ciências Humanasⁱ. É professor de Pós-Graduação em Educação na PUC/SP e seus trabalhos são referenciados em diversas pesquisas da área de Ciências Humanas e Sociais, com elevado índice de citaçõesⁱⁱ.

Referência

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 (4ª reimpressão, 2018).

Notas

ⁱ <http://lattes.cnpq.br/7886576325991695>

ⁱⁱ <https://scholar.google.com.br/citations?user=Y96oF2oAAAAJ&hl=pt-BR&oi=ao>

Sobre as autoras

Mikaelle Barboza Cardoso

Graduada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em Licenciatura em Matemática. Especialista em Ensino de Matemática (UECE), Mestre em Educação (UECE) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual (núcleo Formação de Professores de Ciências e Matemática). Atualmente é professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Sobral. E-mail: mikaelle.cardoso@ifce.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9465-917X>.

Isabel Maria Sabino de Farias

É professora associada da Universidade Estadual do Ceará, vinculada ao Centro de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. É líder do grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS), realizando estudos sobre desenvolvimento profissional docente, inovação e docência. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2. E-mail: isabelinhasabino@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1799-0963>.

Marcília Chagas Barreto

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2002), com estágio pós-doutoral na Universidade de Quebec à Chicoutimi, em Educação Matemática (2006-2007). Mestra em Estudos Pós Graduados em Supervisão e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (1979). Atualmente é professora adjunto M da Universidade Estadual do Ceará, vinculada ao curso de pedagogia e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: marciliasbarreto@uece.br. Orcid: [0000-0003-3378-772X](https://orcid.org/0000-0003-3378-772X).

Recebido em; 07/09/2021

Aceito para publicação em: 16/11/2021